

CIES e-Working Paper N.º 160/2013

**Jovens que transgridem:
comunidades pessoais especializadas e circunscritas**

Sara Merlini

Sara Merlini é licenciada em Sociologia pelo ISCTE-IUL em 2003 e mestre em Sociologia, com especialização em Família, Educação e Políticas Sociais pelo ISCTE-IUL em 2009, com a tese: *Do Domínio do Simbólico ao Domínio das Dinâmicas – Redes de Parceria Local na Alta de Lisboa (Programa de Intervenção Comunitária K’Cidade)*. Investigadora nos temas: violência na escola, organização escolar, contextos territoriais, delinquência infantojuvenil, desvio, estudos de género, redes de parceria e análise de redes sociais. Desenvolve trabalho para o Observatório de Segurança Escolar, desde setembro de 2009, e é assistente de investigação no CIES (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia) do ISCTE-IUL, desde janeiro de 2012.

Resumo

No presente artigo apresentam-se os resultados de uma análise exploratória de egoredes de jovens transgressores em três escolas da Área Metropolitana de Lisboa. O recurso à análise de redes sociais permitiu chegar a conclusões inéditas no estudo dos comportamentos de violência na escola. As tipologias encontradas constituem um primeiro passo e uma oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas posteriores. A identificação dos indivíduos centrais a nível individual e grupal aponta para a importância deste tipo de análises pela possibilidade de contribuir para uma intervenção e um acompanhamento dos jovens transgressores substancialmente mais informada e focalizada.

Palavras-chave: transgressão juvenil; comunidades pessoais; processos de regulação da violência na escola.

Abstract

In this article we present the results of ego-networks exploratory analysis of young offenders from three schools in the Lisbon Metropolitan Area. The use of social network analysis allowed reaching unpublished conclusions in the study of school violent behaviors. The typologies found are the first step and an opportunity for the development of further research. Tracking central persons at an individual and group level points to the importance of this type of analysis, with the possibility of contributing to an intervention and follow-up of young offenders substantially more informed and focused.

Keywords: youth transgression; personal communities; school violence regulation processes.

1. Introdução e justificação

As comunidades pessoais (Chua e outros, 2011) consistem em redes de relações de um indivíduo, independentemente do local em que essas comunidades se situam. Estas podem ser analisadas de três formas distintas: através do bairro, com as suas fronteiras espaciais tradicionais; pelos interesses partilhados de um conjunto de atores (como, por exemplo, a pertença a um clube de futebol); ou pela análise centrada num dado sujeito, grupo ou instituição e as suas conexões respetivas – as redes egocêntricas (ou egorredes). O objetivo da análise de egorredes é descrever e indicar as variações entre os indivíduos, na medida em que estes se inserem em estruturas sociais “locais” (Hanneman e Riddle, 2005). Nesse sentido, analisam-se os nós que partilham relações com os indivíduos e as relações entre esses nós.

Conhecer as relações interpessoais e a estrutura social em que estas se inserem é um elemento fundamental para compreender os processos de formação e manutenção das relações comunitárias (Fischer, 1982: 1). A ausência de apoio social é frequentemente entendida como resultado de certos fatores inerentes às redes urbanas – desconexão entre a família nuclear e o bairro, fraca interconexão, efemeridade/transitoriedade, etc. – e, como consequência, explicativa de alguns processos sociais, como o desvio e a desordem (Fischer, 1982: 126). Neste âmbito, um dos argumentos que têm sido largamente debatidos é o de que a fragmentação e enfraquecimento dos laços primários é parcialmente responsável pelas mudanças nas relações comunitárias tradicionais (Bellotti, 2008: 318). Este fundamento adquire um relevo especial quando observamos a sua relação com os comportamentos juvenis transgressores da ordem social – na medida em que infringem as regras jurídicas ou socialmente definidas. Segundo o modelo teórico do controlo, a emergência da transgressão ou do desvio é entendida como resultado de uma falha das estruturas de controlo social no estabelecimento de laços sociais fortes e intensos que impeçam o seu desenvolvimento (Ferreira, 2000: 58). Por outro lado, os modelos teóricos da subcultura consideram que a não conformidade juvenil se insere num quadro de estratégias que facilitam o processo de adaptação dos jovens na construção das suas identidades sociais pelas tensões existentes entre o seu estatuto de dependência e o desejo de autonomia. Estratégias essas que são adquiridas através das relações significativas com outros – família, amigos e indivíduos de referência – e se manifestam pela adesão a normas, expectativas e definições diferentes das socialmente dominantes (Ferreira, 2000: 56).

Foi nesta ótica que nos interessou conhecer o tipo de relações estabelecidas por um conjunto de jovens assinalados como transgressores em três escolas da Área Metropolitana de Lisboa e quais as propriedades coletivas das suas comunidades pessoais (egorredes).¹ O produto deste trabalho inscreveu-se num projeto de escala mais ampla,² cujo enfoque foi avaliar o contributo das políticas de segurança escolar na inclusão e igualdade educativa e social em contextos escolares marcados pela diversidade e complexidade social e cultural.

¹ Conceber uma rede social como uma comunidade pessoal implica olhar para um conjunto de relações que o indivíduo focal (*ego*) mantém com outros (*alters*), a rede que incorpora e apoia as suas identidades sociais (Hirsch, 1981.) Nesse sentido, as relações das egorredes afiguram-se como medidas comportamentais das suas identidades sociais.

² Projeto cofinanciado pelo Programa Operacional de Assistência Técnica do Fundo Social Europeu (POAT/FSE).

2. Metodologia

A análise das egorredes teve como objetivo conhecer, através de entrevistas semiestruturadas, as práticas de violência de um conjunto de jovens, considerando as relações mantidas a nível informal, familiar e institucional. A operacionalização da amostra teve uma dupla abordagem. Primeiro, realizou-se a análise estatística dos dados de ocorrências monitorizados internamente pelas escolas nos respetivos gabinetes de mediação disciplinar.³ Consequentemente, fez-se o levantamento de informação sobre os alunos das turmas selecionadas (percurso escolar, procedimentos disciplinares), conjugando-se a análise documental com a informação recolhida em reuniões com os diretores de turma das respetivas turmas. O tratamento dos dados dos gabinetes garantiu, por um lado, a sistematização das situações de violência vividas pelas escolas (tipo de ocorrências, anos de escolaridade, medidas aplicadas, etc.) e, por outro, uma seleção criteriosa dos alunos a inquirir que permitisse a comparabilidade.

De um total de 31 alunos identificados com comportamentos transgressores de forma recorrente, escolheram-se cinco jovens em cada escola para solicitar a autorização de entrevista aos encarregados de educação, tendo como intermediários os diretores de turma respetivos. Na escola A, os cinco jovens foram autorizados, e na escola B quatro em cinco foram autorizados. Na escola C, apenas três em cinco foram autorizados e, devido ao tempo de demora nas autorizações, foram solicitados mais sete pedidos, tendo sido autorizados mais seis jovens, resultando num total de nove alunos entrevistados nesta escola. Realizaram-se ao todo 18 entrevistas, recolhendo-se comunidades pessoais de primeiro nível para estes indivíduos focais. Os critérios de seleção foram: a pertença ao ensino regular, à mesma turma, presença de alunos de sexos diferentes e não frequentarem anos de iniciação e finalização de ciclo (5.º e 9.º anos).⁴

Com a realização da análise de redes sociais, procurámos introduzir inovação face às pesquisas neste tipo de estudos, no contexto português. A recolha de dados relacionais permitiu conhecer melhor os padrões das relações estabelecidas por estes jovens. A conjugação destes dados com informação recolhida através de inquirições mais tradicionais da pesquisa, como a análise documental e a análise de dados, conduziu a um aprofundamento das explicações encontradas sobre as práticas e perceções de violência e o apoio social dos jovens – instrumental, afetivo e informativo.

A avaliação dos comportamentos destes alunos baseou-se na recolha de informação junto da escola e dos respetivos diretores de turma. Nesse sentido, foi possível agrupar os alunos segundo três tendências comportamentais relativas às condutas violentas: a) perturbações emocionais e do comportamento – alunos com acompanhamento psiquiátrico ou psicológico, devido a perturbações identificadas (pela escola ou familiares; n=5); b) indisciplina e resistência à autoridade – alunos com tendência para comportamentos marcados por situações de desrespeito para com os colegas e/ou regras escolares (n=4) ou para com os adultos da escola (n=5); c) agressividade e conflitualidade – alunos assinalados por atitudes e práticas agressivas e conflituosas como a ameaça e a ofensa à integridade física (n=4). Os casos de

³ Estruturas internas de resposta aos conflitos emergentes nas escolas. Os gabinetes integram equipas com funções e responsabilidades de mediação, acompanhamento, aplicação de medidas disciplinares e monitorização das ocorrências.

⁴ Segundo o ISCED (International Standard Classification of Education, 2011), corresponde aos anos escolares de início e fim do nível 2 ou *lower secondary*.

indisciplina reiterada, seja contra os adultos da escola seja contra as regras das escolas e/ou contra os colegas, são os mais frequentes. Esta tipologia orientou a medição das propriedades relacionais emergentes nas redes destes jovens, que em seguida se irão apresentar de forma sucinta.

3. Resultados

Uma estrutura social é um conjunto de padrões de interação entre indivíduos ou grupos que frequentemente se relacionam por meio de um conjunto de atividades estruturadas de modo regular e repetitivo. Neste sentido, a estrutura social de uma comunidade é entendida como a articulação das relações sociais que se produzem entre os indivíduos, um modelo em que as relações são vínculos entre atores que ocupam diferentes posições sociais que, por sua vez, implicam relações mútuas (Santos, 1996). Seguindo esta linha, vamos em primeiro lugar olhar para os alicerces de cada egorrede recolhida, comparando o seu tamanho, forma e distribuição dos *alters* pela estrutura relacional.

3.1. Estrutura e dimensão

A dimensão das comunidades pessoais dos entrevistados varia entre seis e 26 indivíduos nomeados, o que significa que esta amostra inclui quadros de interação bastante diferenciados tanto no grau (n.º de ligações diretas) como na forma. Tendo em conta esta amplitude, agrupámos as redes por dimensão: reduzida (≤ 10 membros, ≤ 30 laços), intermédia (11-15 membros, 31 a 69 laços) e elevada (≥ 16 membros, ≥ 70 laços). O número de casos em cada tipo de rede tende a crescer, com quatro reduzidas, seis intermédias e oito elevadas. Assim, apesar de haver uma rede com seis membros, a maioria dos jovens entrevistados tem redes com 11 ou mais membros.

| Quadro n.º 1 – Dimensão e forma das egorredes | | | | | | |
|---|---|----------|--|-------|------------------|-----------------|
| Escola | Comportamento transgressor do ego | Egorrede | N.º de ligações diretas (<i>ego</i>)* | Laços | Dimensão da rede | Forma da rede |
| A | Perturbações emocionais e do | E1 | 15 | 51 | Intermédia | <i>Broker</i> |
| | Indisciplina (adultos da escola) | E2 | 13 | 66 | Intermédia | <i>Broker</i> |
| | Agressividade | E3 | 14 | 52 | Intermédia | <i>Broker</i> |
| | Indisciplina (colegas/regras escolares) | E4 | 19 | 87 | Elevada | <i>Broker</i> |
| | Indisciplina (adultos da escola) | E5 | 19 | 129 | Elevada | Interdependente |
| B | Indisciplina (colegas/regras escolares) | E6 | 23 | 125 | Elevada | 3 componentes |
| | Perturbações emocionais e do | E7 | 24 | 255 | Elevada | Interdependente |
| | Indisciplina (colegas/regras escolares) | E8 | 17 | 124 | Elevada | Interdependente |
| C | Indisciplina (adultos da escola) | E9 | 15 | 55 | Intermédia | 3 componentes |
| | Indisciplina (adultos da escola) | E10 | 15 | 62 | Intermédia | 3 componentes |
| | Agressividade | E11 | 24 | 212 | Elevada | Interdependente |
| | Agressividade | E12 | 17 | 97 | Elevada | 3 componentes |
| B | Agressividade | E13 | 6 | 12 | Reduzida | Estrela |
| | Perturbações emocionais e do | E14 | 10 | 26 | Reduzida | <i>Broker</i> |
| | Indisciplina (adultos da escola) | E15 | 9 | 27 | Reduzida | Estrela |
| | Perturbações emocionais e do | E16 | 11 | 37 | Intermédia | 3 componentes |
| | Indisciplina (colegas/regras escolares) | E17 | 9 | 29 | Reduzida | Interdependente |
| | Perturbações emocionais e do | E18 | 26 | 201 | Elevada | <i>Broker</i> |

* Os indivíduos focais ou egos estão incluídos na rede.

A análise da configuração das interações estabelecidas entre o ego e os seus *alters* permitiu-nos encontrar quatro formas diferentes de redes: *estrela* – o indivíduo focal é o ator central na

relação com os *alters*, cuja centralidade é, por sua vez, baixa; *broker* – o indivíduo focal une duas componentes distintas; *3 componentes* – o indivíduo focal está conectado a três conjuntos, componentes relativamente distintas; *interdependente* – as relações mantidas entre o ego e os *alters* estão interrelacionadas e não se distinguem componentes autónomas. Com uma frequência mais baixa e sobretudo associada a uma dimensão reduzida, as redes em forma de estrela apresentaram a seguinte configuração:⁵

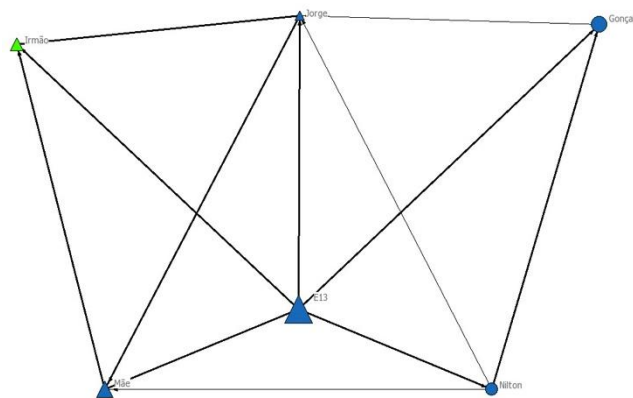


Figura 1: Exemplo de rede estrela (E13)

Não estando tão associada à dimensão das comunidades pessoais dos jovens, as redes com a forma *broker* apresentam tipicamente uma configuração que coloca o ego entre duas componentes específicas. Estas componentes distinguem-se frequentemente pelo tipo de relação mantida com o ego. No caso que ilustramos abaixo, constata-se uma divisão clara entre o círculo familiar e o círculo de amigos do jovem (E4), componentes que estão particularmente ligados só pelo ego:

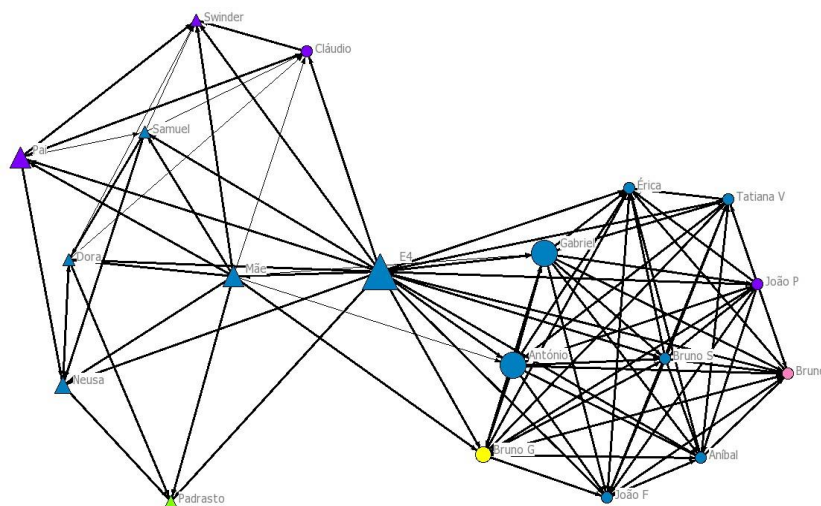


Figura 2: Exemplo de rede *broker* (E4)

⁵ Legenda dos grafos: linha escura – relações fortes (“conhecem-se bem”); linha clara – relações fracas (“conhecem-se”). Tipo de relação: triângulo – família; bola – amigo/a; quadrado com bola – colega da escola; losango – professor/a; triângulo invertido – vizinho/a.

As redes de jovens com a forma 3 componentes têm uma dimensão intermédia ou elevada. Esta configuração destaca-se por ter o ego associado a três conjuntos que se distinguem relativamente pelo tipo de relação que mantêm com este. No caso ilustrado abaixo, o jovem está conectado a um grupo com amigos/colegas da escola, um que inclui familiares e amigos e um outro grupo com três amigos, havendo poucas ligações (sobretudo fracas) entre os membros de cada componente:

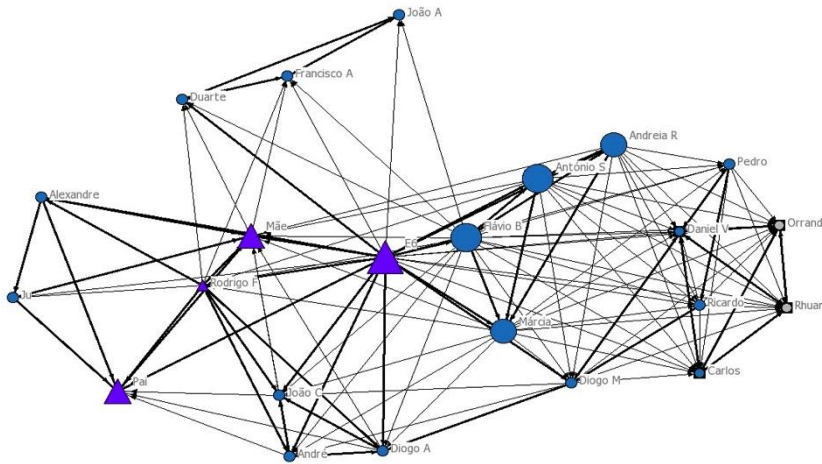


Figura 3: Exemplo de rede 3 componentes (E6)

Por último, as redes com uma configuração interdependente apresentam conexões muito interrelacionadas entre os indivíduos integrantes da rede. Excetuando um dos casos, na sua maioria estas comunidades pessoais têm uma dimensão elevada, como podemos constatar no exemplo abaixo:

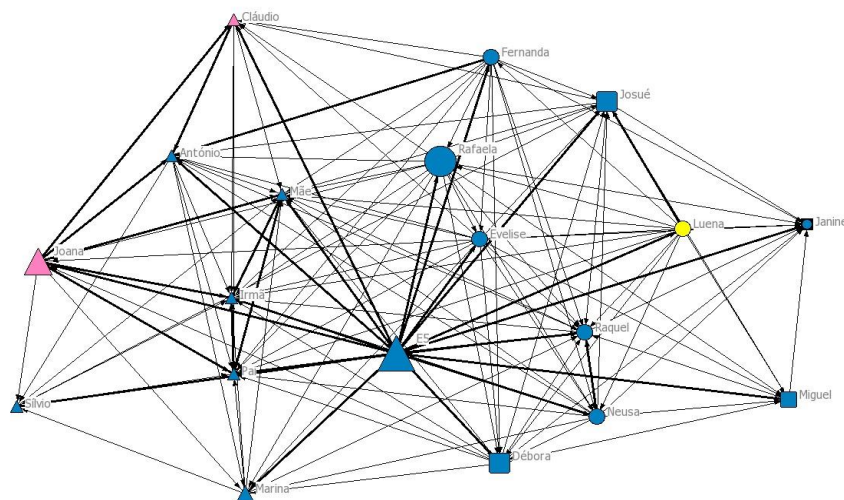


Figura 4: Exemplo de rede interdependente (E5)

Tendo em conta as variações existentes na estrutura das redes, importa agora observar como se diferenciam os jovens relativamente à composição e qualidade das suas relações.

3.2. Composição e qualidade das relações

De modo a aprofundarmos as conexões estabelecidas pelos indivíduos focais, para cada *alter* nomeado foram questionados os seguintes atributos: tipo de relação estabelecida,⁶ sexo, idade e local de residência. A designação do tipo de relação correspondeu aos papéis desempenhados pelos *alters* em função do ego, que classificámos em quatro tipos: familiares, amigos/colegas, professores e vizinhos. Para efeitos de análise, examinamos agora a proporção de familiares e amigos nas diversas egorredes, por serem o tipo de relação mais representado:

| Quadro n.º 2 – Composição e heterogeneidade das relações nas egorredes | | | |
|---|---------------------|-----------------|-------------------------------------|
| Egorrede | Composição | | Heterogeneidade das relações |
| | % familiares | % amigos | |
| E1 | 28,7 | 57,1 | 0,53 |
| E2 | 50 | 25 | 0,77 |
| E3 | 53,8 | 23,1 | 0,58 |
| E4 | 38,9 | 61,1 | 0,44 |
| E5 | 44,4 | 50 | 0,78 |
| E6 | 13,6 | 68,1 | 0,73 |
| E7 | 52,2 | 30,4 | 0,78 |
| E8 | 37,5 | 68,8 | 0,89 |
| E9 | 50 | 28,6 | 0,63 |
| E10 | 28,6 | 37,5 | 0,80 |
| E11 | 30,4 | 69,6 | 0,62 |
| E12 | 25 | 50 | 0,81 |
| E13 | 66,7 | 33,3 | 0,72 |
| E14 | 55,6 | 22,2 | 0,46 |
| E15 | 37,5 | 25 | 0,75 |
| E16 | 20 | 50 | 0,79 |
| E17 | 25 | 62,5 | 0,77 |
| E18 | 52 | 44 | 0,65 |

Considerando o *índice de heterogeneidade* das relações presentes nas egorredes, os valores mais próximos de zero significam maior homogeneidade – redes em que os indivíduos focais têm apenas um ou dois tipos de relação – e os valores mais próximos de um traduzem-se por uma maior heterogeneidade nas relações – relações mais diversas, mantidas com professores, amigos, familiares e vizinhos. Os dados recolhidos dão-nos conta de que os jovens apresentam relações frequentemente mais heterogéneas, com os valores a variar entre 0,8 e 0,9 em nove casos. Número que decresce à medida que as relações com o ego são menos diversificadas, havendo seis egorredes com uma heterogeneidade relativa (entre 0,6 e 0,7) e três com níveis de homogeneidade relacional elevados (correlações entre 0,4 e 0,5).

⁶ Categorizado *a posteriori*.

Observando a proporção de familiares e amigos contidos nas redes, podemos agrupá-los em dois conjuntos distintos: os jovens com maior proporção de familiares do que amigos e os que nomearam mais amigos do que familiares. Tendo em conta esta distinção, verifica-se que há uma distribuição relativa na amostra recolhida, ainda que haja alguma preponderância para os jovens terem mais relações amistosas do que familiares nas suas comunidades pessoais (dez face a oito casos). Em termos etários, verifica-se que o grupo que contém maior proporção de familiares do que amigos tem 12 ou 13 anos. Enquanto os indivíduos focais cujas comunidades têm mais amigos do que familiares apresentam um leque mais abrangente de idades, compreendidas entre os dez e os 15 anos, mas com maior frequência dos alunos mais novos a apresentar esta distribuição (entre dez e 12 anos). No entanto, apesar destas tendências, não se verifica uma associação clara entre a fase etária e a proporção de familiares ou amigos contidos nas comunidades pessoais dos jovens. Para Chua e outros (2011), as relações de parentesco e amizade tendem a ser complementares, na medida em que integram diferentes sistemas de atividade, caracterizados por uma certa singularidade de propriedades estruturais, processos de troca e recursos.

Na análise da idade das comunidades pessoais considerámos o valor etário médio de cada egorrede (incluindo o ego) e o desvio padrão dessas idades face à média. Tendo em conta a média de idades dos diversos membros das redes, constata-se que são comunidades pessoais muito jovens (variando entre 11 e 31 anos), o que se seria expectável tendo em conta a idade dos inquiridos:

| Quadro n.º 3 – Idade média dos contactos | | |
|---|--------------|----------------------|
| Egorrede (idade) | Idade | |
| | Média | Desvio-padrão |
| E1 (11) | 20,4 | 18,4 |
| E2 (12) | 15,8 | 7,8 |
| E3 (11) | 17,8 | 10,4 |
| E4 (12) | 15,7 | 11 |
| E5 (12) | 18,8 | 10,9 |
| E6 (11) | 16,4 | 11 |
| E7 (13) | 15,3 | 9,8 |
| E8 (13) | 18,2 | 9,7 |
| E9 (13) | 10,7 | 9,2 |
| E10 (12) | 17,5 | 11,2 |
| E11 (10) | 12,3 | 9,2 |
| E12 (10) | 11,6 | 11,3 |
| E13 (13) | 21,2 | 12 |
| E14 (12) | 25,9 | 18,6 |
| E15 (12) | 17,1 | 22,8 |
| E16 (12) | 19,7 | 11,6 |
| E17 (15) | 24,1 | 20,9 |
| E18 (13) | 30,7 | 19,3 |

Os valores médios podem ser organizados em três grupos de idades. Um primeiro a variar entre 11 e 15 anos (n=4), um segundo, maioritário, com valores etários médios entre 16 e 20 anos (n=10), e um terceiro que oscila entre 21 e 31 anos (n=4). As idades mais elevadas neste

último grupo devem-se à presença de avós ou familiares mais velhos nas redes dos jovens,⁷ aumentando substantivamente os valores médios das respectivas comunidades pessoais. Face aos restantes, os jovens com perturbações de comportamento tendem a relacionar-se com pessoas mais velhas (média de 22 anos; E1, E7, E14, E16 e E18). Contudo, a média de idades presente nestas redes em concreto não corresponde a uma medida de grande fiabilidade, uma vez que os desvios são igualmente elevados (variando entre oito e 23 anos). Nesse sentido, podem distinguir-se, igualmente, três grupos: um com desvios substancialmente elevados, entre 18 e 23 anos no desvio-padrão (n=5), um segundo com os desvios a variar entre 11 e 12 anos (n=7) e um último com oito a dez anos de desvio-padrão face à média (n=6). Apesar de pouco substantivos, estes dados confirmam a hipótese de que estas comunidades pessoais são jovens, em consonância com as idades dos alunos da amostra.

O local de residência dos indivíduos incluídos nas redes pessoais também não revelou muitas diferenças. Uma larga maioria dos jovens (15 em 18) relaciona-se com pessoas da mesma localidade de proveniência. Quanto às três exceções, num dos casos (E7) as relações estabelecem-se dentro do mesmo concelho e em dois casos (E4 e E18) os egos relacionam-se também com *alters* provenientes de outros concelhos circundantes ao seu. Estas tendências apontam para uma baixa mobilidade dos jovens, cujos relacionamentos se circunscrevem sobretudo à localidade onde residem, onde vão à escola e desenvolvem as suas atividades quotidianas. Só três dos jovens da amostra (cerca de 17%) apresentam maior potencialidade de circular por locais fora das suas áreas de residência e, desses, apenas dois se relacionam com pessoas exteriores ao concelho de origem. Nestes casos, a presença de membros a residir noutras localidades ou concelhos circundantes deve-se sobretudo à relação com familiares (família alargada ou nuclear) ou à realização de atividades específicas (desporto, apoio nos estudos, etc.), como podemos ver no exemplo abaixo:⁸

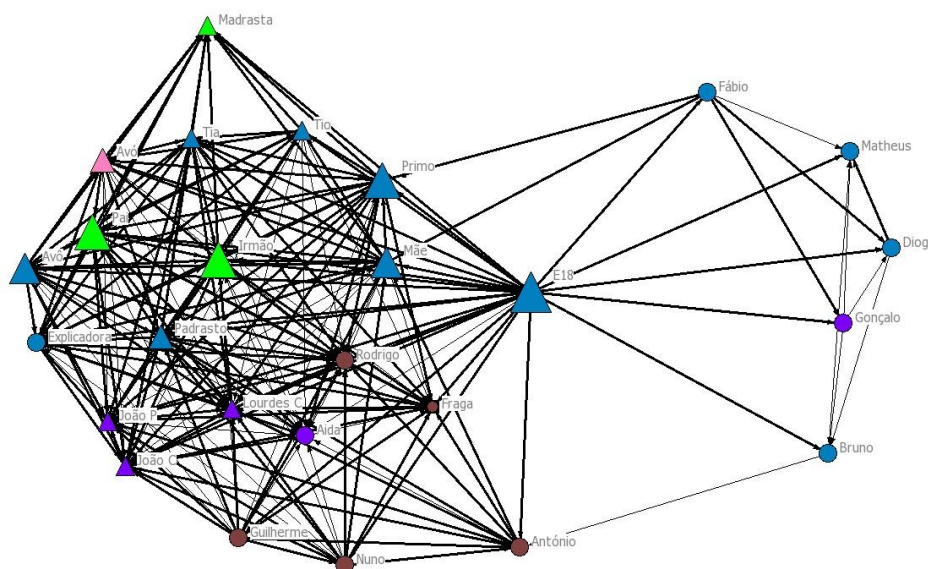


Figura 5: Variedade de proveniências numa egorrede (E18)

⁷ Como poderemos ver mais adiante, estes são muitas vezes os seus tutores ou representam elementos que lhes dão um grande número de apoios.

⁸ Os locais de residência do ego e respetivos *alters* estão representados por cores. Azul – local de residência do ego; roxo – concelho de residência do ego (outras localidades); castanho e rosa – concelhos circundantes à área de residência do ego; verde – residência no estrangeiro.

No caso ilustrado, ainda que se verifique maior preponderância para os *alters* residirem na mesma localidade do ego, há maior diversidade de origens. Embora a dispersão geográfica não norteie as relações mantidas no interior desta comunidade pessoal em concreto, é possível constatar que se trata de uma comunidade mais ou menos *glocalizada* – no sentido em que as suas relações são extensivamente globais e intensivamente locais (Chua e outros, 2011: 108). As distâncias mais curtas permanecem, no entanto, vantajosas, na medida em que facilitam as interações face a face e as trocas de bens e serviços. O facto de termos uma amostra de jovens que se relacionam maioritariamente com aqueles que residem próximos a si simplifica a análise dos apoios sociais.

Segundo Chua e outros (2011), as comunidades pessoais tendem a ser especializadas, com os seus diversos membros a proporcionar diversos tipos de apoio social frequentemente de modo recíproco. As redes podem apoiar igualmente o indivíduo focal em situações de mudança, reforçando as oportunidades de vida – como, por exemplo, através de aconselhamento sobre assuntos importantes, diversificação do conhecimento, acesso a um emprego, etc. (Chua e outros, 2011). Para Hirsch (1981), o apoio social pode ser dado de modo explícito/implícito ou indireto. O primeiro remete para o reforço ou reconhecimento verbal explícito, mas é mais provável que as redes providenciem apoio identitário frequentemente de modo mais subtil, mediante interações implícitas. Estas podem ocorrer através de dois tipos: as interações rotineiras ou quotidianas e as ajudas específicas (como dar orientação cognitiva ou ajuda tangível referente a alguma tarefa). Neste sentido, as interações fornecem reconhecimento e apoio para identidades valorizadas, ou seja, uma interação na rede pode fornecer apoio a uma identidade particular na medida em que o outro (*alter*) se encontra numa posição significativa para providenciar tal reconhecimento. Em complemento, as interações na rede podem garantir apoio identitário de forma indireta através do seu impacto nos esforços para a resolução de problemas ou em manter um equilíbrio emocional adaptativo em situações de *stress*. As redes que facilitam a resolução bem-sucedida de um problema conduzem, portanto, indiretamente, ao reconhecimento identitário. Tendo em conta estas distinções, a análise dos apoios sociais presente neste estudo remete para uma perceção subjetiva desse reconhecimento pelo indivíduo focal.

Foram considerados cinco tipos de apoios sociais recebidos pelos egos: 1) companhia – pessoas com quem desenvolve atividades no tempo livre; 2) instrumental – pessoas que ajudam nos estudos ou que emprestam dinheiro (de modo provisório ou permanente); 3) informativo – pessoas que aconselham na tomada de decisão de um assunto importante; 4) emocional – pessoas com quem fala sobre assuntos que o preocupam, questões íntimas ou com as quais o ego se identifica; e 5) negativo – que inclui tanto pessoas com quem tem discussões ou aborrecimentos frequentes como aquelas que trazem preocupação.⁹ Com base nesta tipologia, analisámos os apoios sociais recebidos pelos jovens:

⁹ Esta última questão foi interpretada pelos jovens de duas formas distintas: alguns entenderam a preocupação como uma “fonte de problemas”, enquanto outros como “preocupação pelo bem-estar”. Independentemente das variações interpretativas, mantivemos a preocupação como laço negativo por ser suscetível de criar situações de ansiedade.

| Quadro n.º 4 – Frequência dos tipos de apoios recebidos pelos egos | | | | | | |
|--|-----------|--------------|-------------|-----------|----------|-------|
| Egorrede | Companhia | Instrumental | Informativo | Emocional | Negativo | Total |
| E1 | 11 | 4 | 10 | 1 | 2 | 28 |
| E2 | 2 | 9 | 6 | 9 | 2 | 28 |
| E3 | 7 | 3 | 2 | 3 | 7 | 22 |
| E4 | 18 | 4 | 2 | 3 | 3 | 30 |
| E5 | 16 | 12 | 2 | 2 | 3 | 35 |
| E6 | 15 | 5 | 6 | 6 | 10 | 42 |
| E7 | 18 | 4 | 2 | 1 | 14 | 39 |
| E8 | 16 | 9 | 2 | 4 | 10 | 41 |
| E9 | 9 | 4 | 2 | 1 | 2 | 18 |
| E10 | 10 | 9 | 2 | 3 | 2 | 26 |
| E11 | 22 | 9 | 10 | 5 | 18 | 64 |
| E12 | 9 | 5 | 2 | 4 | 3 | 23 |
| E13 | 3 | 2 | 2 | 2 | 2 | 11 |
| E14 | 7 | 4 | 2 | 5 | 2 | 20 |
| E15 | 5 | 4 | 1 | 2 | 1 | 13 |
| E16 | 9 | 4 | 2 | 4 | 8 | 27 |
| E17 | 7 | 3 | 2 | 3 | 5 | 20 |
| E18 | 24 | 22 | 3 | 6 | 7 | 62 |
| Total | 208 | 116 | 60 | 64 | 101 | 549 |
| % do total | 38 | 21,1 | 10,9 | 11,7 | 18,4 | 100 |

Metade da amostra recebe entre 20 e 30 apoios dos seus *alters*, seis casos recebem mais de 35 apoios e apenas três recebem menos de 18 apoios. Estes dados apontam para comunidades pessoais relativamente integradas, com um fluxo de recursos tendencialmente elevado. A companhia é o apoio mais recebido, representando cerca de 38% dos apoios no total. Em segundo lugar surge o apoio instrumental, dado por aproximadamente 21% dos contactos dos egos. Em consonância com a pesquisa (Chua e outros, 2011; Fischer, 1982), estes dois tipos de apoio social são os mais comuns, perfazendo 59% do conjunto global de apoios recebidos. Os restantes apoios são dados de modo mais restrito, com o negativo a representar cerca de 18% dos apoios; o emocional, 12% e o informativo, 11%. Os padrões encontrados apontam para uma certa superficialidade dos apoios recebidos pelos jovens entrevistados, com os apoios mais substantivos (negativo, emocional e informativo) a cingirem-se a um grupo mais reduzido de contactos. Colocando-se a hipótese de existir um maior fechamento afetivo por parte destes jovens com comportamentos transgressores, podemos ainda considerar que este tipo de laços se restringe a ligações mais fortes ou coesas nas suas comunidades pessoais, com uma frequência claramente mais reduzida. Relativamente à distinção do tipo de apoios por comportamentos, destacam-se duas tendências. Os jovens identificados por atitudes repetidas de indisciplina com adultos da escola recebem menos apoios do que os restantes, especialmente no que se refere aos laços negativos. Aqueles que apresentam perturbações de comportamento são os que recebem mais apoios, o que pode ser em parte explicado pelo maior acompanhamento que estes jovens têm e que se traduz em maiores capacidades de ajustamento das suas condutas. Em complemento, importa observar a distribuição da quantidade de apoios recebida pelos egos:

| Quadro n.º 5 – Número de apoios recebidos pelos egos | | | | | | | |
|--|------|------|------|-----|-----|-------|-----------------|
| Egorrede | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Total | Média de apoios |
| E1 | 3 | 8 | 3 | 0 | 0 | 14 | 2 |
| E2 | 6 | 1 | 3 | 2 | 0 | 12 | 2,3 |
| E3 | 7 | 3 | 1 | 0 | 2 | 13 | 1,7 |
| E4 | 12 | 2 | 2 | 2 | 0 | 18 | 1,7 |
| E5 | 7 | 7 | 2 | 1 | 1 | 18 | 1,9 |
| E6 | 16 | 0 | 0 | 4 | 2 | 22 | 1,9 |
| E7 | 12 | 8 | 2 | 0 | 1 | 23 | 1,7 |
| E8 | 5 | 3 | 3 | 3 | 2 | 16 | 2,6 |
| E9 | 11 | 2 | 2 | 0 | 0 | 15 | 1,2 |
| E10 | 9 | 2 | 1 | 0 | 2 | 14 | 1,9 |
| E11 | 4 | 8 | 4 | 3 | 4 | 23 | 2,8 |
| E12 | 10 | 5 | 1 | 0 | 0 | 16 | 1,4 |
| E13 | 1 | 2 | 2 | 0 | 0 | 5 | 2,2 |
| E14 | 3 | 2 | 3 | 1 | 0 | 9 | 2,2 |
| E15 | 6 | 0 | 1 | 1 | 0 | 8 | 1,6 |
| E16 | 2 | 3 | 2 | 2 | 1 | 10 | 2,7 |
| E17 | 4 | 1 | 0 | 1 | 2 | 8 | 2,5 |
| E18 | 1 | 17 | 2 | 2 | 3 | 25 | 2,5 |
| Total | 119 | 74 | 34 | 22 | 20 | 269 | 2 |
| % do total | 44,2 | 27,9 | 12,3 | 8,2 | 7,4 | 100 | – |

A frequência do tipo de apoios dados ao ego decresce à medida que estes se diversificam, com quase metade dos *alters* a dar apenas um tipo de apoio ao respetivo ego, estabelecendo uma relação *uniplexa*. Logo, o mais habitual é o indivíduo focal (jovem transgressor) receber apenas um apoio.¹⁰ Neste caso, as relações de companhia são as mais frequentes (n=79), seguidas pelos apoios instrumental e negativo, com 19 e 18 casos, respetivamente.

As diversas conjugações possíveis entre tipos de apoio foram contabilizadas tendo em conta se o *alter* fornecia dois, três ou quatro tipos de apoio ao ego. Do conjunto total de dois tipos de apoio dados os mais frequentes são companhia e instrumental (n=30), seguido de companhia e negativo (n=28). Quando o *alter* dá três tipos de apoio estes são mais vezes companhia, instrumental e negativo (n=9)¹¹ ou companhia, instrumental e emocional (n=8). Com um peso ainda mais reduzido, verificam-se *alters* a dar quatro tipos de apoio ao ego, especialmente companhia, instrumental, emocional e negativo (n=7), seguido de companhia, informativo, emocional e negativo (n=6).

Neste sentido, constata-se que estamos perante comunidades pessoais especializadas, cujos membros se relacionam de forma tendencialmente uniplexa, coexistindo com um grupo mais reduzido que proporciona diversos tipos de apoio social (relações *multiplexas* ou *multiencadeadas*). Estes resultados corroboram o argumento de Chua e outros (2011) que, com a crescente diferenciação da sociedade moderna, as comunidades pessoais não enfraqueceram, em vez disso adquiriram estruturas e processos complexos, com funções

¹⁰ Face aos restantes, os jovens com comportamentos de indisciplina reiterada (em geral) recebem com maior frequência um apoio dos membros das suas redes.

¹¹ Uma conjugação dos padrões encontrados em dois tipos de apoio.

igualmente diversas e especializadas. Para aprofundar a complexidade destas redes testámos igualmente a sua coesão.

3.3. Coesão

Os laços interpessoais contemporâneos raramente resultam de grupos muito densos, cujo apoio é simétrico e estreitamente delineado para o mundo externo. São mais frequentes os laços assimétricos, que variam em conteúdo e intensidade e se encaixam numa malha desigual, em redes frouxamente delimitadas. Estes padrões traduzem-se por uma interligação dos laços em redes hierárquicas com diferenças acumuladas no acesso a recursos escassos, resultando muitas vezes num sistema social estratificado, com diferenças importantes de poder e recursos¹² (Wellman, 1981). Passando de um nível mais egocêntrico para um nível mais sociocêntrico, procurámos analisar os subgrupos existentes nas redes através da observação de *Cliques*.¹³ Numa *Clique*, cada par de atores tem uma relação adjacente, representando um subgrafo ou subconjunto de atores entre os quais existem relações diretas relativamente fortes ou intensas. Trata-se, portanto, de encontrar o grupo de atores mais próximos entre si do que em relação aos restantes, tendo em conta a densidade das relações (mutualidade). Esta análise é importante para testar a hipótese da semelhança de comportamentos (atitudes ou crenças) como resultado de influência ou persuasão de um grupo. Nesta aceção, podemos verificar que as comunidades pessoais dos jovens se distribuem por três tipos de *grupabilidade*:

| Quadro n.º 6 – Frequência dos tipos de grupabilidade nas <i>Cliques</i> identificadas | | |
|---|--|------------------------------|
| Tipos de grupabilidade | Composição | Frequência de <i>Cliques</i> |
| Redes particulares (um tipo de relação) | Familiar (família) | 14 |
| | Amistosa (amigos e/ou colegas) | 19 |
| Redes articuladas/agrupadas (dois tipos de relação) | Informal (família e amigos) | 67 |
| | Escolar (amigos e professores) | 3 |
| | Escolar-familiar (família e professores) | 3 |
| | Residencial (família e vizinhos) | 1 |
| Redes mistas/combinadas (três tipos de relação) | Escolar-familiar-amistosa (família, amigos e professores) | 11 |
| | Residencial-amistosa (família, amigos e vizinhos) | 3 |
| Total | | 121 |

O tipo de grupabilidade que designámos por redes particulares é unidimensional, pois inclui apenas um tipo de relação estabelecida entre o ego e os seus *alters*. Com uma frequência de formação de *Cliques* significativa face às restantes composições, este tipo de *Cliques* é constituído só por amigos e/ou colegas da escola (n=19) ou só por familiares (n=14). Quando as redes incluem dois tipos de relacionamentos diferentes (redes articuladas/agrupadas), os familiares e os amigos permanecem na formação de uma grande parte de subgrupos, com 67

¹² Contudo, este tipo de estrutura de rede fornece igualmente aos seus membros ligações ramificadas e indiretas a outros círculos sociais.

¹³ *Clique* é um termo originário da língua alemã e significa “malta”, “pessoal” ou (bras.) “turma”.

casos. Esta composição aponta para uma maior integração dos jovens em redes informais, que reúnem amigos e familiares num mesmo círculo social.¹⁴ As redes articuladas/agrupadas de caráter escolar (n=3), escolar-familiar (n=3) e residencial (n=1) são muito menos frequentes, estando presentes apenas algumas das comunidades pessoais da amostra. O caso do jovem E1 é um exemplo ilustrativo da maior preponderância de subgrupos unidimensionais ou que reúnem familiares e amigos:

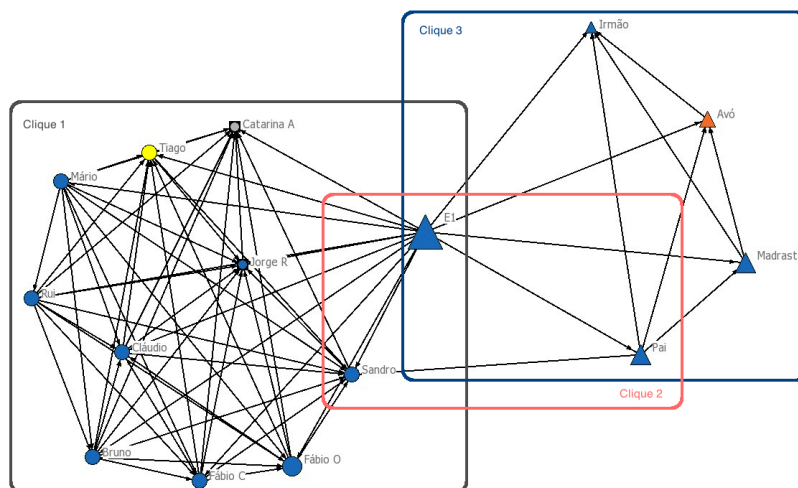


Figura 6: Exemplo de *Cliques* de caráter informal identificadas numa egorrede (E1)

Por sua vez, as redes mistas/combinadas correspondem a casos em que as *Cliques* incluem três tipos de relações estabelecidas entre os membros e o indivíduo focal. Neste tipo de grupabilidade, a ligação entre familiares, amigos e professores (n=11) é muito mais frequente do que a ligação entre amigos, familiares e vizinhos (n=3). Não obstante, podemos verificar no exemplo abaixo a emergência de uma *Clique* residencial-amistosa. Como se pode constatar, a jovem E17 tem quatro subgrupos na sua comunidade pessoal: dois de tipo familiar-amistoso (articulado), um composto somente por relações de amizade (particular) e um de caráter residencial-amistoso (misto):

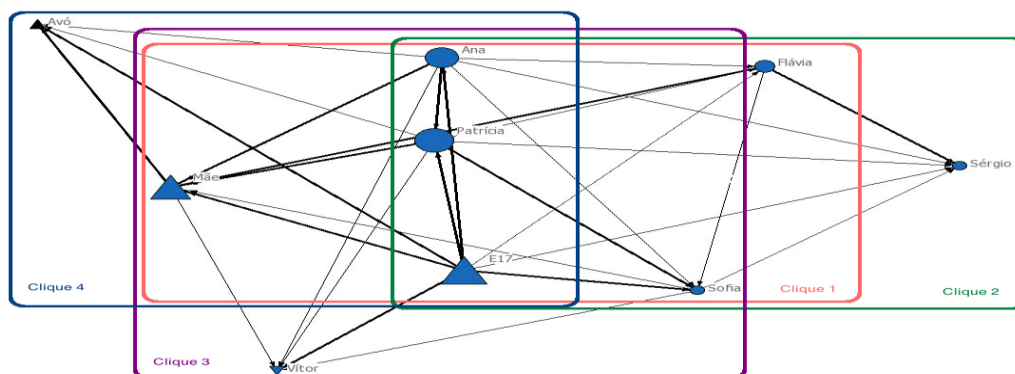


Figura 7: Exemplo de *Cliques* de caráter informal ou misto identificadas numa egorrede (E17)

¹⁴ No caso do jovem E8 houve, inclusive, pais de amigos nomeados como família devido à proximidade ou “familiaridade” existente entre eles.

A maioria das comunidades pessoais tem uma *Clique* central. Apenas em três casos se verifica um maior número de subgrupos centrais (E5, E11 e E14). Este padrão pode ser parcialmente explicado pela maior interdependência ou proximidade nas relações entre os membros destas comunidades pessoais, uma vez que em dois dos três casos as redes têm uma configuração interdependente (E5 e E11):

| Quadro n.º 7 – Centralidade dos subgrupos identificados | | |
|--|------------------------------------|---------------|
| Egorredes | n.º <i>Cliques</i> centrais | nIndeg |
| E1 | 1 | 0,58 |
| E2 | 1 | 0,86 |
| E3 | 1 | 1 |
| E4 | 1 | 0,15 |
| E5 | 3 | 0,89 |
| E6 | 1 | 0,53 |
| E7 | 1 | 0,75 |
| E8 | 1 | 0,86 |
| E9 | 1 | 0,50 |
| E10 | 1 | 0,56 |
| E11 | 3 | 1 |
| E12 | 1 | 0,89 |
| E13 | 1 | 1 |
| E14 | 3 | 0,60 |
| E15 | 1 | 0,67 |
| E16 | 1 | 0,75 |
| E17 | 1 | 0,50 |
| E18 | 1 | 0,71 |

Considerando o *in-degree* dos subgrupos identificados em cada egorrede, isto é, o número de nomeações recebidas pelos membros de uma *Clique*, podemos observar três tendências: sete casos com valores inferiores a 0,60; quatro casos com valores a oscilar entre 0,61 e 0,85 e sete casos com valores superiores a 0,86. Excetuando um caso (0,15), podemos aferir que a maioria dos subgrupos centrais nestas comunidades pessoais tem uma proporção significativa de nomeações recebidas (superior a 50%). Os jovens agressivos têm um maior número de *Cliques* centrais, com uma proporção significativa de nomeações recebidas. Em sentido inverso, estão os jovens que desrespeitam reiteradamente os colegas e/ou as regras escolares.

A identificação da centralidade dos subgrupos pode facilitar a análise dos comportamentos (atitudes ou crenças) dos jovens, na medida em que reconhece quem são os indivíduos que se encontram numa posição mais favorável para exercer pressão ou influência. Em consonância, os *alters* com maior centralidade nestas comunidades individuais poderão igualmente exercer uma influência direta sobre os comportamentos dos jovens. Interessa-nos, por isso, identificar também quem são os indivíduos centrais para os egos e se há uma correspondência com o número de apoios concedidos.

3.4. Centralidade

A centralidade do ator resulta da sua posição na rede de relações, constituindo por isso um atributo de natureza relacional ou estrutural. Medir a centralidade na análise dos apoios sociais implica observar como um indivíduo pode controlar estruturalmente o fluxo dos recursos de apoio através da rede. Redes centralizadas ou descentralizadas podem facilitar certos tipos de recursos ou certos tipos de pessoas podem ocupar desproporcionalmente posições centrais, dominantes na rede (Wellman, 1981). Nesta aceção foi analisada a proporção de *alters* centrais e de apoiantes maioritários (*alters* que dão o maior número de apoios) nas várias *Cliques* ou subgrupos das egorredes:

| Quadro n.º 8 – Proporção de <i>alters</i> apoiantes e/ou centrais nas <i>Cliques</i> | | | | | | | |
|--|--------------------------------|------------------------|----------------------|-----------------|---------------|----------------------|-----------------|
| Egorrede | N.º máximo de apoios recebidos | Apoiantes maioritários | | | Alter central | | |
| | | N | % nas <i>Cliques</i> | Tipo de relação | N | % nas <i>Cliques</i> | Tipo de relação |
| E1 | 3 | 3 | 100 | Mista | 1 | 66,7 | Amistosa |
| E2 | 4 | 2 | 71,4 | Amistosa | 1 | 71,4 | Amistosa |
| E3 | 5 | 2 | 60 | Amistosa | 1 | 100 | Familiar |
| E4 | 4 | 2 | 28,6 | Amistosa | 1 | 85,7 | Familiar |
| E5 | 5 | 1 | 86,7 | Amistosa | 2 | 86,7 | Amistosa |
| E6 | 5 | 2 | 77,8 | Amistosa | 1 | 77,8 | Amistosa |
| E7 | 5 | 1 | 100 | Familiar | 11 | 100 | Mista |
| E8 | 5 | 2 | 100 | Familiar | 5 | 100 | Mista |
| E9 | 3 | 1 | 42,9 | Escolar | 1 | 42,9 | Amistosa |
| E10 | 5 | 2 | 50 | Familiar | 1 | 100 | Familiar |
| E11 | 5 | 4 | 100 | Mista | 2 | 100 | Mista |
| E12 | 3 | 1 | 63,6 | Amistosa | 1 | 90,9 | Familiar |
| E13 | 3 | 2 | 100 | Mista | 1 | 100 | Familiar |
| E14 | 4 | 1 | 66,7 | Familiar | 1 | 83,3 | Familiar |
| E15 | 4 | 1 | 100 | Familiar | 2 | 100 | Familiar |
| E16 | 5 | 1 | 83,3 | Familiar | 3 | 100 | Mista |
| E17 | 5 | 2 | 100 | Mista | 2 | 100 | Amistosa |
| E18 | 5 | 3 | 66,7 | Familiar | 1 | 75,0 | Familiar |
| Média | 4,3 | 1,8 | 77,6 | – | 2,1 | 87,8 | – |

Tendo em conta o número máximo de apoios recebidos pelos indivíduos focais, constata-se que uma larga maioria recebe todos os tipos de apoios de pelo menos um dos seus contactos (n=10). Quatro jovens recebem no máximo até quatro tipos de apoio de pelo menos um dos seus *alters* e os restantes quatro recebem até três tipos. Em termos globais, há uma concentração tanto do apoio dado como da centralidade em um ou dois membros das egorredes. Este padrão aponta, mais uma vez, para a existência de relações próximas e fortes entre os jovens e um número reduzido dos seus contactos, com o mesmo *alter* frequentemente a ocupar a posição de indivíduo central e de apoiante maioritário. A correspondência entre o tipo de relação estabelecida pelos apoiantes e o tipo de relação estabelecida pelos *alters* centrais com o respetivo ego corrobora este resultado, uma vez que em oito casos o tipo de relações não difere. Verifica-se também uma preponderância de redes particulares (familiares ou amistosas), confirmando a tendência para a formação de subgrupos cujas relações são unidimensionais.

A comparação da proporção de indivíduos centrais com a proporção de apoiantes maioritários¹⁵ nas *Cliques* revelou três situações específicas: 1) uma excepcional, em que os apoiantes maioritários surgem em todos os subgrupos, mas o *alter* central não, traduzindo-se numa maior proporção de apoiantes do que pessoas centrais nas *Cliques* existentes (E1); 2) em dez casos há tantos apoiantes como *alters* centrais nos subgrupos formados, dos quais seis estão representados em todas as *Cliques* das respectivas egorredes (100%);¹⁶ por último, 3) em sete casos, os apoiantes estão menos representados comparativamente aos respetivos *alters* centrais. Ainda que se verifiquem situações de sobreposição, estes resultados apontam especialmente para um predomínio dos *alters* centrais sobre os apoiantes, constituindo por isso figuras de maior relevância nas interações que estabelecem com os jovens, na medida em que poderão ter maior impacto nos seus comportamentos.

4. Discussão dos resultados e conclusão

A análise de egorredes de jovens identificados com comportamentos transgressores em contexto escolar permitiu recolher e analisar dados únicos sobre a problemática da violência na escola, especialmente em termos do conhecimento dos padrões relacionais mantidos a nível informal, familiar e institucional. Em termos da estrutura e dimensão verificou-se que, embora o número mínimo de indivíduos incluídos nas redes da amostra fosse de seis, a maioria dos jovens está integrada em egorredes com 11 ou mais membros. Distinguiram-se quatro configurações nas interações estabelecidas entre o ego e os respetivos *alters* (estrela, *broker*, 3 componentes e interdependente). Os jovens cujas redes são de dimensão reduzida tendem a estar mais constrangidos, uma vez que sem as ligações entre os seus contactos lhes restam poucos laços diretos. Em sentido inverso, os jovens com redes de dimensão elevada não dependem tanto de ligações específicas para ter acesso à informação, detendo mais autonomia e controlo sobre as suas ações. As relações mantidas entre os jovens e os seus contactos são tendencialmente heterogêneas, havendo contudo uma preponderância para estes indivíduos focais terem mais relações amistosas do que familiares nas suas redes pessoais. Verificou-se que são comunidades pessoais jovens, com uma baixa mobilidade, circunscrevendo-se os relacionamentos dos alunos sobretudo à localidade onde residem, onde vão à escola e onde desenvolvem as suas atividades. Estas distâncias mais curtas facilitam as interações face a face e as trocas de bens e serviços, como pudemos constatar na análise dos apoios.

A maioria dos jovens recebe efetivamente mais de 20 apoios, o que aponta para uma integração relativa e um fluxo de recursos tendencialmente elevado. Em consonância com outros estudos sobre o apoio social, verificou-se que a companhia e o apoio instrumental são as ajudas mais comuns no conjunto de apoios recebidos. Trata-se de comunidades pessoais especializadas, cujos membros se relacionam de forma tendencialmente uniplexa, coexistindo com um grupo mais reduzido que proporciona diversos tipos de apoio social (relações multiplexas ou multiencadeadas). Uma larga maioria dos membros destas comunidades interage diretamente com os restantes membros, resultando em redes constituídas por indivíduos cujas ações estão relativamente constrangidas. No entanto, estas comunidades apresentam, em geral, níveis baixos de densidade e um grau médio de ligações inferior a 11,

¹⁵ Considerando que pelo menos um dos apoiantes está incluído na *Clique*.

¹⁶ A frequência de proporções iguais pode ser em parte explicada pela existência de oito *alters* a ocupar tanto a posição de apoiantes como de figuras centrais.

apontando para uma conectividade mais limitada ou pontual e pouco coesa. Foram identificados três tipos de grupabilidade: a) particular e unidimensional, que apenas inclui um tipo de relação entre o ego e *alters* (só amigos ou só familiares), mais frequente do que os restantes; b) articulada, que inclui dois tipos de relação, verificando-se uma maior integração dos jovens em redes informais que reúnem amigos e familiares no mesmo círculo social; e c) mista, que inclui três tipos de relação, com maior frequência de ligações entre amigos, familiares e professores. O número de *Cliques* decresce à medida que estas incluem mais membros, havendo uma preponderância para os subgrupos serem compostos por três a dez contactos das comunidades pessoais em análise.

A maioria das egorredes tem uma *Clique* central, com uma proporção significativa de nomeações recebidas. Esta identificação é importante para a problemática em análise, pois ao reconhecermos os membros que estão numa posição mais favorável para exercer pressão ou influência podemos aprofundar estes efeitos sobre os comportamentos, atitudes e crenças dos jovens. Num plano mais individual, verifica-se que os *alters* apresentam um grau médio de centralidade relativamente elevado (com valores superiores a 49), o que se traduz em maior atividade no interior de cada egorrede. Os membros das comunidades pessoais apresentam uma proximidade média elevada mas valores médios de intermediação relativamente baixos, constatando-se por isso um maior constrangimento dos *alters* centrais em relação aos restantes. Verificou-se que uma larga maioria dos jovens recebe todos os tipos de apoio de pelo menos uma das suas ligações, refletindo a existência de relações próximas e fortes entre os jovens e um número reduzido de *alters*. O mesmo *alter* ocupa frequentemente a posição de apoiante maioritário e de indivíduo central, havendo uma tendência para a formação de subgrupos cujas relações são unidimensionais (familiares ou amistosas). Houve, no entanto, maior presença dos *alters* centrais nos subgrupos em comparação aos apoiantes. Neste estudo, os indivíduos que ocupam uma posição central são figuras a considerar numa eventual intervenção junto dos jovens, na medida em que estes membros poderão exercer mais efeitos nos seus comportamentos.

Esta breve análise permitiu identificar e conhecer alguns traços centrais na análise do estudo da violência na escola por três motivos principais. As comunidades pessoais analisadas revelaram uma tendência para a especialização e circunscrição das relações mantidas e, ainda que se tenha verificado uma baixa coesão, os jovens em análise recebem um forte apoio das suas ligações. A emergência de laços sociais fortes e intensos nestas redes demonstra a pertinência das relações significativas com outros (especialmente com amigos) para a aprendizagem de estratégias de não conformidade ou transgressão juvenil. Contudo, o peso dos mecanismos de controlo social nestas configurações sociais requer maior aprofundamento. As tipologias encontradas constituem um primeiro passo e uma oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas posteriores. Assim como a identificação dos indivíduos centrais a nível individual e grupal aponta para a importância deste tipo de análises pela possibilidade de contribuir para uma intervenção e para um acompanhamento dos jovens transgressores substantivamente mais informados e focalizados.

5. Referências bibliográficas:

- Belloti, Elisa (2008), “What are friends for? Elective communities of single people”, *Social Networks*, 30, pp. 318-329.
- Borgatti, Steve (2012), “Homophily”, consultado a 24 de março de 2013, em <http://www.analytictech.com/mgt780/topics/homophily>.
- Chua, Vincent, Julia Madej, e Barry Wellman (2011) “Personal communities: the world according to me”, em Peter Carrington, e John Scott (orgs.), *Handbook of Social Network Analysis*, Thousand Oaks, Sage.
- Ferreira, Pedro M. (2000), “Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 33, pp. 55-85.
- Fischer, Claude (1982), *To Dwell Among Friends: Personal Networks in Town and City*, Chicago e Londres, The University of Chicago Press.
- Hanneman, Robert A., e Mark Riddle (2005), “Introduction to social network methods”, consultado a 25 de março de 2013, em <http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/>.
- Hirsch, Barton J. (1981), “Social networks and the coping process: creating personal communities”, em Benjamin H. Gottlieb (org.), *Social Networks and Social Support*, Beverly Hills e Londres, Sage Publications, pp. 149-170.
- Lazarsfeld, P. F., e R. K. Merton (1954), “Friendship as a social process: a substantive and methodological analysis”, em M. Berger, T. Abel, e C. H. Page (orgs.). *Freedom and Control in Modern Society*, Nova Iorque, Van Nostrand, pp. 18-66.
- Mizruchi, Mark S. (2006), “Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais”, *Revista de Administração de Empresas*, 46 (3), pp. 72-86.
- Santos, Félix Requena (1996), “Redes sociales y cuestionarios”, *Cuadernos Metodológicos*, CIS, 18, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 57 páginas.
- Wellman, Barry (1981), “Applying network analysis to the study of support”, em Benjamin H. Gottlieb (org.), *Social Networks and Social Support*, Beverly Hills e Londres, Sage Publications, pp. 171-200.